



**ANAIS DO CONGRESSO DE
POLÍTICAS PÚBLICAS E
DESENVOLVIMENTO SOCIAL
DA FACULDADE PROCESSUS**

ISSN: em fase de emissão Ano I, Vol.I,
n.1, jul./dez.,2019.

Editor Responsável:
Me. Jonas Rodrigo Gonçalves

**BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A REALIDADE DE MOTORISTAS DE
APLICATIVOS¹**

Brief Considerations on the Reality of App Drivers.

Breves Consideraciones sobre la Realidad de los Controladores de Aplicaciones.

*Me. Adriana Azevedo Germano Rodrigues²
Me. Beatriz Amália Albarello³*

Resumo

Este artigo é o resultado do estudo realizado com trabalhadores motoristas de aplicativos, para fins de investigação científica sobre as vivências no contexto de serviços de aplicativos. O objetivo foi encontrar contradições existentes entre o trabalho prescrito e o trabalho real, bem como analisar numa perspectiva crítica o sistema de gestão utilizado por estes profissionais autônomos e de que forma o real do trabalho impacta no bem-estar e saúde deste trabalhador. Foram realizadas duas entrevistas *online* com dois motoristas de aplicativos, ambos utilizando esse modo de produção como renda exclusiva de sobrevivência. Os resultados das análises qualitativas apresentaram três categorias de análise, sendo a organização do trabalho, em decorrência da precariedade e condições de trabalho; o trabalho prescrito e trabalho real, representado pela contradição do ideal do trabalho e a

¹ © Todos os direitos reservados. A Anais do Congresso de Políticas Públicas e Desenvolvimento Social da Faculdade Processus, bem como a Faculdade Processus (mantenedora do periódico) não se responsabilizam por questões de direito autoral, cuja responsabilidade integral é do(s) autor(es) deste artigo. A revisão linguística e metodológica deste artigo foi feita pelo(s) autor(es) deste artigo

² Mestre (a) em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Discente no *Strictu Sensu* da Universidade Católica de Brasília

³ Mestre (a) em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Discente no *Strictu Sensu* da Universidade Católica de Brasília

influência do sistema capitalista; e as vivências de sofrimento e as respectivas estratégias de enfrentamento e mobilização subjetiva. Diante do exposto, concluiu-se que os motoristas de aplicativos se deparam com uma realidade diferente do prescrito e por meio da inteligência prática criam estratégias para enfrentar o cotidiano do trabalho e lidar com o sofrimento acarretado pela contradição entre o sistema regulatório dos aplicativos e a necessidade real do trabalho.

Palavras-Chave: Organização do trabalho; Trabalho Prescrito e Real; Sofrimento do Trabalhador.

Abstract

This article is the result of a study conducted with application driver workers, for the purpose of scientific investigation on experiences in the context of service production. The objective was to find existing contradictions between the prescribed work and the real work, as well as to analyze in a critical perspective the management system used by these self-employed professionals and how the real work impacts the well-being and health of this worker. Two online interviews were conducted with two application drivers, both using this mode of production as sole survival income. The results of the qualitative analyzes presented three categories of analysis, being the work organization, due to precariousness and working conditions; prescribed work and real work, represented by the contradiction of the ideal of labor and the influence of the capitalist system; and the experiences of suffering and their coping strategies and subjective mobilization. Given the above, it was concluded that application drivers face a different reality than prescribed and through practical intelligence create strategies to face the daily work and cope with the suffering caused by the contradiction between the regulatory system of applications and real need for work.

Keywords: Organization of Work; Prescribed and Real Work; Worker's Suffering.

Resumen

Este artículo es el resultado de un estudio realizado con trabajadores conductores de aplicaciones, con el propósito de realizar investigaciones científicas sobre experiencias en el contexto de la producción de aplicaciones. El objetivo era encontrar las contradicciones existentes entre el trabajo prescrito y el trabajo real, así como analizar en una perspectiva crítica el sistema de gestión utilizado por estos profesionales autónomos y cómo el trabajo real afecta el bienestar y la salud de este trabajador. Se realizaron dos entrevistas en línea con dos controladores de aplicaciones, ambos utilizando este modo de producción como único ingreso de supervivencia. Los resultados de los análisis cualitativos presentaron tres categorías de análisis, siendo la organización del trabajo, debido a la precariedad y las condiciones de trabajo; trabajo prescrito y trabajo real, representado por la contradicción del ideal del trabajo y la influencia del sistema capitalista; y las experiencias de sufrimiento y sus estrategias de afrontamiento y movilización subjetiva. Dado lo anterior, se concluyó que los controladores de aplicaciones enfrentan una realidad diferente a la prescrita y, a través de la inteligencia práctica, crean estrategias para enfrentar el trabajo diario y hacer frente al sufrimiento causado por la contradicción entre el sistema regulador de aplicaciones y Real necesidad de trabajo.

Palabras clave: Organización del trabajo; Trabajo prescrito y real; El sufrimiento del trabajador.

Introdução

Com a instalação do capitalismo financeiro, na perspectiva da liberdade para o capital, observa-se que a liberalização de mercados financeiros é acompanhada pelo abrandamento da legislação trabalhista e redução da proteção social. Ao passo que o capital circula sem fronteiras e domina a sociedade e o trabalho, o mercado de recursos humanos se encontra vítima ou refém deste monopólio, levando, assim, à subsunção da subjetividade pelo capital (Alves, 2007).

Significa dizer que nesse novo momento do sistema econômico, discutido por Gaulejac (2007) e, também, por Sennett (2002) em tom de complementaridade, materializa-se a inserção da tecnologia na produção e a internacionalização/desterritorialização do capital que, como nunca antes, passou a ditar a lógica de mercado, de produção e de gestão (inclusive das pessoas, tratadas como custo de produção), num universo hiperconcorrencial.

Se antes a supremacia era a do cliente, agora é a do acionista. A rentabilidade é a palavra de ordem e novas relações de poder se configuram. A flexibilidade é, na verdade, um ideal, já que o controle dos meios, do processo produtivo e da lógica de produção está nas mãos do capitalista – agora representado na figura (invisível e inacessível ao trabalhador) do acionista.

E, assim, novas formas de trabalho ganharam espaço na sociedade do capitalismo financeiro – como o trabalho mediado por plataformas digitais. Aplicativos de professores, cuidadores de cachorros, manicures e motoristas disseminaram-se em alta velocidade. A dominância da mão invisível do capital tem, assim, seu ápice com trabalho assalariado disfarçado de empreendedorismo (Antunes, 2018) promovido pelas plataformas. Logo, a problemática desse estudo centra-se em como os motoristas de aplicativo enfrentam o real do trabalho, sob a luz dos conceitos da Psicodinâmica do Trabalho, de Christophe Déjours.

Nesse sentido, a organização do trabalho é o principal conceito da Psicodinâmica do Trabalho (Anjos, 2013). É ela que institui o trabalho prescrito, por meio das normas e da divisão do trabalho antecedentes à realização da tarefa. Quase que inevitavelmente, o real do trabalho, por sua complexidade e vivacidade, dificilmente coincide com o prescrito e, essa lacuna, para a Psicodinâmica, é o trabalhar. Também é a organização do trabalho que estabelece os meios de controle (como hierarquia e fiscalização) para assegurar a realização do prescrito. É na fiscalização que opera a mão invisível do capital, sob a forma de mecanismos de gestão. De acordo com Antunes (2013, p. 198) “a disciplina e o controle são eixos centrais dos métodos de gestão formulados (...) para limitar a autonomia e a iniciativa do trabalhador”. No enfrentamento da lacuna entre o prescrito e o real, os estrangulamentos se manifestam, quase que como reflexo das contradições, levando ao sofrimento. Para a Psicodinâmica do Trabalho é no uso da inteligência prática que o trabalhador demonstra a sua engenhosidade, enfrentando, individual e/ou coletivamente, as contradições (COSTA, 2013).

O que se pretende desvelar, portanto, é o real do trabalho dos motoristas de aplicativo; apreender os aspectos da organização do trabalho; significar as vivências de prazer e sofrimento; conhecer as transgressões; entender o custo da vida *online* em busca de corridas. E partiu-se do princípio de que a melhor forma de

fazê-lo seria ouvindo aqueles que experienciam essa rotina diariamente, como única fonte de renda, em um procedimento de pesquisa detalhado na próxima seção.

Método

O estudo foi realizado em campo pelos pesquisadores do programa de *strictu sensu* de Psicologia da Universidade Católica de Brasília. Os motoristas de aplicativo, uma vez que utilizam a internet e o celular como ferramentas de trabalho, passam o dia inteiro *online*. Assim, a primeira estratégia de contato dos pesquisadores foi a conversa pelo aplicativo *WhatsApp*, em contato inicial, para efetivar o convite de participação no estudo.

Foram 10 (dez) os contatos com motoristas de aplicativo, cujos números de telefone foram obtidos através de grupos de *WhatsApp*, e todos manifestaram o desejo de participar da pesquisa, mas, em função da demanda de trabalho, só o fariam se fosse por aplicativo. Assim, o estudo contou com 02 (dois) participantes, motoristas de aplicativos de transporte urbano, com idades entre 30 a 55 anos. Não houve critério de inclusão, em decorrência da limitação de disponibilidade do público investigado. Um dos entrevistados tem o segundo grau completo e o outro incompleto, e trabalhavam exclusivamente para o sistema de aplicativos. Utilizou-se um roteiro de entrevista semiestruturado, com cinco questões norteadoras, que serviu como guia, não sendo administrado de forma rígida, em detrimento das adversidades do contexto da coleta.

As entrevistas foram audiogravadas pelos próprios participantes enquanto estavam no intervalo do trabalho, e o tempo de duração correspondeu a uma média de 20 minutos, entre perguntas e respostas.

Para a análise qualitativa das narrativas, utilizou-se de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, por meio da transcrição fidedigna das entrevistas e correlação com os conceitos teóricos da Psicodinâmica do Trabalho, cujos resultados serão discutidos a seguir.

Resultados e Discussões

O ponto de partida da investigação é a entrada dos motoristas nessa modalidade de trabalho. Em ambos os casos, os trabalhadores optaram por atuar como motoristas de aplicativo na expectativa de complementar a renda.

A informalidade estrutural (e a ausência de regulação que dela decorre), massifica a ausência de estabilidade, de direitos sociais e trabalhistas, de salários justos e de condições mínimas de manutenção de relações com o trabalho que não sejam permeadas pela precariedade (ANTUNES, 2018). Logo, ainda que na perspectiva da expectativa flexibilidade, autonomia e existência de alguma garantia, essa realidade impulsiona a adesão crescente ao aplicativo.

Quando se analisa a jornada de trabalho dos motoristas de aplicativo, está expressa a subsunção do trabalho pelo capital, com uma elevada carga horária que foge, quase que por completo, a qualquer tipo de prescrição. Assim, embora no ímpeto da propaganda de empreendedorismo (trabalhar para si, com horários flexíveis e bons vencimentos, em um viés comunitário contribuindo para a sustentabilidade ambiental e para a racionalização do transporte urbano), a realidade dos motoristas de aplicativo no discurso dos entrevistados e na produção acadêmica recente (Slee, 2017), caminha no sentido diametralmente inverso. É o rigor e controle do trabalho assalariado, sem as garantias, ainda que restritas, de um vínculo empregatício.

À despeito dos constrangimentos, é possível perceber no discurso do trabalhador a força do discurso do sistema, acreditando que o processo de emancipação e gestão de seu próprio meio de produção propicia a flexibilidade, a liberdade, a autonomia e a rentabilidade, promovendo o seu bem-estar e a “felicidade”.

Também foi possível perceber a aceleração, que dita o ritmo das relações e do existir na sociedade atual. Quando se pensa no modelo capitalista, o ritmo acelerado dos homens que *performam* com excelência está relacionado à sobrecarga de trabalho e quanto mais o trabalhador trabalha, mais ele produz e gera rentabilidade (REGO, 2013).

Um ponto que chama a atenção na organização do trabalho é a diferença de vínculo e suporte por parte da plataforma quando o motorista enfrenta situações do real que fogem ao prescrito. Embora se definam como empresas de tecnologia que conectam motoristas a passageiros (Slee, 2017), a percepção de apoio em situações não prescritas é significativamente diferente de acordo com a plataforma utilizada.

Diante dos aspectos frágeis da do sistema assediador, do medo do cancelamento do serviço, da dificuldade em atender a demanda, da necessidade de obtenção de ganhos para a sobrevivência e dos fatores de risco na realidade do trabalho, muitos trabalhadores desenvolvem estratégias de enfrentamento para lidar com o trabalho real, tendo em vista que o desgaste físico e psicológico são fatores relacionados ao sofrimento no trabalho, uma vez que este integra o trabalho porque o real se revela ao sujeito quando este se depara com incidentes ou com imprevistos (MORAES, 2013). Dentre as estratégias de enfrentamento, a inteligência pratica compõe uma ferramenta essencial no dia-a-dia do trabalho. Ela é uma técnica que envolve cognição e afetividade ao transgredir a organização do trabalho. Para Monteiro e Jacoby (2013) a sobrecarga do trabalho ou o excesso de trabalho estão relacionados a carga excessiva de trabalho, representadas pelos esforços para atender as exigências físicas, cognitivas e psicoafetivas ou emocionais da tarefa, que são medidas muitas vezes pelo desgaste, envolvendo os fatores intrínsecos relacionados ao estresse.

Quando refletindo sobre o excesso de tarefas associado às longas jornadas, constata-se que, na lógica operacional do trabalho em aplicativos, o trabalhador é quem gerencia o seu tempo de trabalho – essa é, de fato, uma autonomia (talvez, a única). Ele é responsável pela gestão do tempo para obter um resultado estipulado pelas metas de corridas diárias. Para obter um quantitativo rentável, o trabalhador precisa trabalhar (rodar) num tempo maior, em termos de horas e dias da semana, o que afeta seu descanso semanal. No geral, eles não gozam de pausas e descanso, trabalhando diuturnamente, em busca da corrida.

A precarização do trabalho, as elevadas jornadas, as contradições e constrangimentos, a supremacia do cliente e do capital, as elevadas taxações, os riscos (assalto, assédio). Todos esses são fatores que impactam no sentido do trabalho associado aos valores pessoais e sociais do trabalhador, causando sofrimento físico, psíquico e social. Nesse contexto, o trabalhador desenvolve doenças físicas relacionadas ao excesso de jornada e naturalmente desenvolve mecanismos individuais para o enfrentamento do trabalho real, ao qual, de acordo com a narrativa, envolve o uso de substâncias estimulantes.

Nesse engendramento na dinâmica das promessas sedutoras e narcísicas do protagonista “super-herói”, nos deparamos com o paradoxo da autonomia *versus* dependência sob o prisma do sistema capitalista da relação de mais valia e

precarização, onde o trabalho, que deveria promover satisfação e felicidade ao trabalhador, gera alienação e sofrimento.

Considerações Finais

Constatou-se que os trabalhadores de aplicativos de transporte urbano inicialmente aderem ao aplicativo como fonte de renda secundária e posteriormente se veem envolvidos no processo de aceleração e massificação social para alcançar lucros, fazendo dessa atividade a sua principal fonte de renda. Nesse processo, se deparam com os constrangimentos de uma realidade diferente da prescrição e, por meio da inteligência prática, criam estratégias para enfrentar o cotidiano do trabalho e lidar com o sofrimento acarretado pela contradição entre o sistema regulatório dos aplicativos e a necessidade real do trabalho. Assim, no contexto de motoristas de aplicativos, foi notória essa relação precária entre trabalho prescrito e trabalho real, bem como a influência do sistema capitalista no ideal de trabalho, onde a sociedade vislumbra na plataforma a possibilidade de crescimento econômico e social, diante das adversidades do mercado de trabalho e da informalidade estrutural da atualidade, se rendendo à manipulação da economia global das empresas tecnológicas de serviços, que prometem autonomia, flexibilidade, ganhos e crescimento irreais. Sob esta ótica, o trabalhador se torna vítima e aliena-se à sua própria sorte.

Em busca da corrida, fazem uma primeira transgressão, justo à regra básica do aplicativo (exclusividade); afiliam-se às mais diversas plataformas (inclusive privadas), para ampliar as chances de ser chamado. Decidem em qual momento usar determinado aplicativo, para fins de proteção ou maior rentabilidade. Analisam passageiros e escondem descontentamentos para manter as boas avaliações. Submetem-se às lógicas do sistema, em jornadas de 10, 12, 15 horas diárias, fazendo uso de substâncias para manutenção da atenção e redução do sono. Adoecem, mas não esmorecem. Mobilizam-se no e pelo trabalho, diária e arduamente, fazendo do sofrimento força retroalimentadora (e quem sabe um dia transformadora) do dia a dia de trabalho. Ainda que pontualmente, construíram um coletivo (*online*), que auxilia a questionar e confrontar o poder do capital.

O trabalhador, enquanto sujeito ativo e atuante na sociedade, tem um papel fundamental de construção e modificação de sua realidade. Se para uns, o processo de submissão é uma estratégia subjetiva de negação e racionalização do sofrimento diante do trabalho real, para outros a mobilização coletiva é um meio de construção e mudança social. No embate capital e trabalhador, pelo menos no recorte aqui feito com motoristas de aplicativo, a balança pende para a força esmagadora do capital.

Referências

- ALVES, G. Trabalho e Capitalismo. In: Alves, G. **Dimensões da Reestruturação Produtiva: ensaios de sociologia do trabalho**. (2ª ed., cap. 2, pp. 31-54). Londrina: Práxis.2007.
- ANJOS, F.B. Organização do trabalho. In: Vieira, F.O.; MENDES, A.M.; MERLO, A.R.C. (Org). **Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho**. (pp. 267 – 273). Curitiba: Juruá Editora. 2013.

ANTUNES, L. R. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. São Paulo: Boitempo.2018.

ANTUNES, L. R. Gestão e participação. In: VIEIRA, F.O.; MENDES, A.M.; MERLO, A.R.C. (ORG). **Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho**. (pp. 197-201). Curitiba: Juruá Editora. 2013.

COSTA, S. H.B. Trabalho prescrito e trabalho real. In: VIEIRA, F.O.; MENDES, A.M.; MERLO, A.R.C. (ORG). **Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho**. (pp. 467-471). Curitiba: Juruá Editora. 2013.

GAULEJAC, V. **Gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social**. São Paulo: Ideias e Letras. 2007.

MORAES, R.D. Estratégias defensivas. In: VIEIRA, F.O.; MENDES, A.M.; MERLO, A.R.C. (ORG). **Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho**. (pp. 153-158). Curitiba: Juruá Editora. 2013.

REGO, V. B. Aceleração. In: VIEIRA, F.O.; MENDES, A.M.; MERLO, A.R.C. (ORG). **Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho**. (pp. 33-38). Curitiba: Juruá Editora. Sennett, R. (2002). *A corrosão do caráter*. Rio de Janeiro: Record Editora. 2013.

SLEE, T. **Uberização: a nova onda do trabalho precarizado**. (pp. 88-142). São Paulo: Elefante. 2017.